

## O MERCADO DE TRABALHO PARA MIGRANTES HAITIANOS NO MATO GROSSO DO SUL<sup>1</sup>

## EL MERCADO DE TRABAJO DE LOS MIGRANTES HAITIANOS EN MATO GROSSO DO SUL

## THE LABOR MARKET FOR HAITIAN MIGRANTS IN MATO GROSSO DO SUL

Alex Dias de Jesus<sup>2</sup>  
*alexdias@ifpi.edu.br*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica do mercado de trabalho formal para os migrantes haitianos no estado do Mato Grosso do Sul. Para isso, utiliza-se de entrevistas abertas com 35 (trinta e cinco) haitianos nos municípios de Campo Grande, Dourados, Itaquiraí e Três Lagoas, entre 2016 e 2020, e análise de dados secundários da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério da Economia, entre os anos de 2012 e 2019. Em acréscimo, foram consultados trinta e dois processos trabalhistas do Tribunal Regional do Trabalho da 24<sup>a</sup> Região envolvendo haitianos e empregadores nos municípios de Campo Grande, Itaquiraí e São Gabriel do Oeste, entre os anos de 2014 e 2017, a fim de identificar possíveis violações de direitos trabalhistas ou superexploração do trabalho. Os resultados permitem demonstrar um mercado de trabalho segmentado, precário e instável para os haitianos residentes no Mato Grosso do Sul, oferecendo poucas alternativas de mobilidade social.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho. Haitianos. Mato Grosso do Sul.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la dinámica del mercado laboral formal de los migrantes haitianos en el estado de Mato Grosso do Sul. Para ello, utiliza entrevistas abiertas con 35 (treinta y cinco) haitianos en los municipios de Campo Grande, Dourados, Itaquiraí y Três Lagoas, entre 2016 y 2020, y análisis de datos secundarios del Informe Anual de Información Social (RAIS), del Ministerio de Economía, entre los años 2012 y 2019. Además, fueron consultados treinta y dos juicios laborales del Tribunal Regional del Trabajo de la 24<sup>a</sup> Región involucrando a haitianos y empleadores en los municipios de Campo Grande, Itaquiraí y São Gabriel do Oeste, entre 2014 y 2017, con el fin de identificar posibles violaciones de derechos laborales o la sobreexplotación del trabajo. Los resultados permiten evidenciar un mercado de trabajo segmentado, precario e inestable para los haitianos residentes en Mato Grosso do Sul, que ofrece pocas alternativas de movilidad social.

**Palabras-clave:** Mercado de trabajo. Haitianos. Mato Grosso do Sul.

### ABSTRACT

This paper aims to analyze the dynamics of the formal labor market for Haitian migrants in the state of Mato Grosso do Sul. For this, open interviews are used with 35 (thirty-five) Haitians in the municipalities of Campo Grande, Dourados, Itaquiraí and Três Lagoas, between 2016 and 2020, and

<sup>1</sup> Este artigo integra os resultados da pesquisa de doutorado do autor, intitulada “Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Orcid: 0000-0002-4464-935X.

analysis of secondary data from the Annual Social Information Report (RAIS), of the Ministry of Economy, between the years 2012 and 2019. In addition, thirty-two labor lawsuits of the Regional Labor Court of the 24th Region were consulted involving Haitians and employers in the municipalities of Campo Grande, Itaquiraí and São Gabriel do Oeste, between 2014 and 2017, in order to identify possible violations of labor rights or overexploitation of work. The results allow demonstrating a segmented, precarious and unstable labor market for Haitians residing in Mato Grosso do Sul, offering few alternatives for social mobility.

**Keywords:** Labor market. Haitians. Mato Grosso do Sul.

## INTRODUÇÃO

O Haiti, um país caribenho com cerca de 11,6 milhões de pessoas, é profundamente marcado pelas migrações internacionais. Há mais de um século as migrações se constituem como alternativa ao precário quadro social vigente. A partir de 2010, após o país sofrer um violento terremoto nas proximidades da capital Porto Príncipe, o Brasil e outros países da América do Sul se converteram em novos destinos dos haitianos, ampliando ainda mais o seu espaço transnacional e estendendo as redes migratórias de milhões de haitianos que vivem no exterior (COTINGUIBA, 2019; JESUS, 2020).

Além disso, a presença de ONGs e entidades religiosas brasileiras naquele país, a liderança do Brasil na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), entre 2004 e 2017, e a ampliação da influência da política externa brasileira na América Latina durante o governo Lula também foram fatores que contribuíram para maior aproximação entre Brasil e Haiti e, conseqüentemente, para a migração de haitianos em direção ao Brasil a partir dos meses iniciais de 2010 (SEGUY, 2014; MAGALHÃES, 2017).

Ao longo de um pouco mais de uma década, mais de 140 mil haitianos registraram residência no Brasil, de acordo com os dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra), banco de dados da Polícia Federal, órgão responsável pelo registro de migrantes internacionais no país. Nesse período, a migração haitiana no Brasil caracterizou-se pelo volume e pela dispersão em centenas de municípios em todos os estados da federação, inclusive nos municípios sul-mato-grossenses de Campo Grande, Dourados, Itaquiraí e Três Lagoas, lócus desta pesquisa.

As chegadas dos primeiros haitianos para residência no Mato Grosso do Sul estiveram vinculadas aos processos de recrutamento de trabalhadores com o objetivo de suprir a carência de mão de obra em setores como indústrias de transformação em Três Lagoas e a construção civil em Campo Grande. Nos anos seguintes, acompanhado da diversificação das atividades laborais exercidas pelos migrantes, ocorreram processos de

ampliação do número de empregos, bem como de mobilidade interna dessa força de trabalho.

Desse modo, foi possível verificar que, além das novas chegadas de migrantes provenientes do Haiti e de outros estados brasileiros, ocorreram processos de deslocamento entre os municípios do Mato Grosso do Sul, motivados pela dinâmica do mercado de trabalho e pela atuação das redes sociais entre migrantes, em destaque para os laços familiares e de conterraneidade. Por esse motivo, o objetivo central deste artigo é analisar a dinâmica do mercado de trabalho formal para os migrantes haitianos no estado do Mato Grosso do Sul, identificando as características que marcam a inserção laboral desses migrantes.

Para isso, a metodologia utilizada neste estudo partiu de entrevistas realizadas com 35 (trinta e cinco) migrantes haitianos, homens e mulheres, residentes nos municípios de Campo Grande, Dourados e Três Lagoas, além de visitas de campo que incluíram também o município de Itaquiraí, entre os anos de 2016 e 2020. Em seguida, foi realizada a análise de dados secundários da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério da Economia, entre os anos de 2012 e 2019. Por fim, foram consultados trinta e dois processos trabalhistas do Tribunal Regional do Trabalho da 24ª Região envolvendo haitianos e empregadores nos municípios de Campo Grande, Itaquiraí e São Gabriel do Oeste, entre os anos de 2014 e 2017, nos quais constam denúncias de violações de direitos trabalhistas. Portanto, os resultados aqui expostos foram obtidos por meio do cruzamento dessas diferentes fontes de dados e informações.

## **TRABALHADORES HAITIANOS NO MATO GROSSO DO SUL**

O trabalho é estruturante na vida do migrante e embora outros objetivos estejam presentes nos projetos migratórios daqueles que decidem partir, quase sempre o trabalho é condição fundamental para a realização deles. Desse modo, é bastante comum encontrar aqueles que têm no trabalho não apenas a possibilidade de sobrevivência, mas também um meio de alcançar melhores condições de vida através da educação para enfim acessarem outros postos de trabalho. Deixar de executar funções destinadas aos migrantes exatamente por serem migrantes talvez seja o sonho de muitos jovens haitianos vivendo no exterior, como é o caso de Renan<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Este e todos os demais nomes citados são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

### “O Brasil não é o meu coração”

Conhecemos Renan nas aulas de Português oferecidas por um grupo de voluntários através de um projeto de extensão da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em meados de 2017. Sempre assíduo e interessado, ele deixava claro o objetivo em cursar direito em uma universidade brasileira. Natural de Les Cayes, uma pequena cidade do sul do Haiti, deixou seu país em fevereiro de 2017 e um mês depois passou a frequentar as aulas que surgiram a partir da sua demanda pessoal. A história de Renan é o ponto inicial do projeto de extensão que já ensinou português para mais de 200 haitianos em Dourados.

Mais jovem de uma família de nove filhos, Renan deixou seus pais, irmãos e sobrinhos e decidiu migrar para o Brasil com o objetivo de alcançar uma vida diferente. Começou a juntar dinheiro um ano antes, vendendo chips de celular nas ruas e ministrando aulas de Filosofia em uma escola por três meses. No Haiti, apenas 20% dos professores da educação primária e 13% da educação secundária têm ensino superior completo e muitos passam a ensinar depois da conclusão do ensino secundário (EL PAÍS, 2018).

*Saí do Haiti à procura de conhecimento. Vim para o Brasil para conhecer a cultura, os costumes e para estudar, procurando outro modo de vida. Foi por isso que deixei o meu país. O Haiti não é um país rico como o Brasil, a vida lá é muito difícil, então se vive melhor aqui. Todo haitiano gosta do Brasil, do Ronaldo, do Ronaldinho, além de ser um país que eu sempre quis visitar. Na escola eu dizia: quero ir ao Brasil para estudar. Aí, o governo do Brasil e do Haiti ofereceram possibilidade para a vinda de haitianos, então eu me programei para comprar a passagem e vim em 2017. Ninguém me ajudou. Juntei o dinheiro sozinho.*

*Um amigo meu que estava em São Paulo me ajudou a vir. Eu enviei dinheiro e ele comprou minha passagem que custou 2.800 reais. Meu trajeto foi de Porto Príncipe para a Cidade do Panamá e de lá para São Paulo. Só que eu não estava feliz lá, fiquei três dias na casa dele, mas não gostei. A cidade lá é muito grande, aqui não, eu gosto de viver aqui. Além disso, meu amigo de São Paulo não podia me hospedar em sua casa porque não tinha espaço. Eram três pessoas para dois quartos, não dava certo pra mim.*

*Mas eu tinha um amigo que já morava aqui. Ele é de Aquin, mas morou lá em Les Cayes. Ele estava sozinho e eu perguntei se podia vir pra cá e ele me aceitou. Comprei a passagem para Campo Grande e meu dinheiro acabou. Fiquei perdido lá porque não tinha mais dinheiro, nem pra chegar até Dourados. Liguei pro meu amigo e ele ligou pra um amigo dele em Campo Grande que comprou a passagem pra mim. Cheguei sem nenhum dinheiro, nem pra tirar os documentos. Depois de uma semana fui pra rua com meu amigo e percebi que em uma loja de peças de motos tinha uns materiais de construção e pedi*

*emprego porque tinha urgência em conseguir dinheiro pra retirar minha documentação. Aí o dono disse que não poderia me empregar, mas me ajudou com 400 reais pra eu poder tirar meus documentos na Polícia Federal, mais o CPF e a Carteira de Trabalho.*

*Nesse dia eu pedi o número de telefone dele e quando cheguei em casa mandei uma mensagem falando que queria aprender português, pois como vou procurar emprego sem falar português? Aí ele disse que não tinha escola que ensinasse. Um dia ele veio aqui e disse que iria procurar um professor e uma sala pra ter um curso aqui em Dourados. Até o Moisés estava aqui, ele já falava bem o Português e traduzia as coisas pra mim. Foi aí que eu comecei a aprender a sua língua, quando as aulas começaram no Douradão.*

Já instalado em Dourados e compartilhando casa com o seu amigo, conheceu sua esposa Ruth, natural de Miragoâne, oeste do Haiti. Ela havia chegado 1 ano e 9 meses antes e apesar de mais tempo no Brasil, pouco falava e entendia do português. Um dia, na casa de outro haitiano, se conheceram e começaram a namorar. Pouco tempo depois passaram a morar juntos. Quando nos encontramos para a entrevista, ela estava grávida de sete meses e ambos trabalhavam em um frigorífico da empresa *Brasil Foods* (BRF) em diferentes turnos. Questionado sobre os planos iniciais e a situação atual, Renan não esconde o desconforto.

*Parte de mim está feliz, mas parte não está. Me casei muito jovem, com 22 anos, terei um filho, mas isso não era meu sonho. Eu não segui para o Brasil para casar e ter filhos, mas isso está chegando e eu aceito. As coisas vão melhorar. A vida é uma luta! Não quero ficar no Brasil porque o Brasil não é o meu coração. Meu coração é o Haiti. No futuro deixarei o Brasil pra voltar para o Haiti. Mesmo que eu ache que a situação do Haiti não vá melhorar eu penso em voltar porque aqui eu não estou feliz e quando eu morava lá eu estava. Tendo um diploma acho que vou conseguir um emprego. Isso é muito importante para o governo haitiano. Fazer faculdade em outro país, ter conhecimento é muito importante. E gosto um pouco daqui, mas um dia deixarei o Brasil.*

Dourados, 17 de fevereiro de 2018.

Dentre as questões de análise possíveis a partir da narrativa de Renan, três nos chamam a atenção: a atuação da sua rede de contatos que o trouxe até à cidade de Dourados, a mudança no seu projeto migratório e a inserção dele e de sua esposa no trabalho do frigorífico. Não que isso seja exclusivo do seu caso, mas a maneira como ocupam destaque na sua fala nos direciona a pensar as frustrações e o desejo de retorno.

Renan, assim como vários outros sujeitos desta pesquisa, não tinha planos de morar em Dourados, nem mesmo sabia da existência do lugar. Sua ideia era conhecer e passar uma temporada no Brasil, motivado pelas imagens midiáticas do futebol. Não se deslocou para São Paulo e depois para Dourados com promessas de emprego nem de estudo, mas utilizou os seus contatos e acionou a sua rede de amigos com essas expectativas. As informações e os recursos a ele disponibilizados (passagem, alojamento e alimentação) reduziram os custos e os riscos do início de uma migração. Aparentemente, os laços tecidos com seus amigos não foram densos, mas sem eles seria muito mais difícil migrar.

No caso exposto acima, mas também em muitos outros, morar no Brasil era uma ideia aberta às oportunidades, sem precisão de localidade. A mudança de município e de estado tem sido uma característica da migração haitiana no Brasil. Entretanto, voltar ao Haiti é uma possibilidade bastante remota, principalmente para jovens que desejam seguir uma carreira como Renan, diante das dificuldades de inserção laboral no país de origem. O retorno, depois de alcançar um diploma ou recursos, pode significar sucesso, mas sem isso, pode significar fracasso.

Assim como Renan e sua esposa Ruth, muitos outros haitianos gastam o tempo no pesado trabalho que desempenham. O trabalho feito para migrantes, como destacou Sayad (1998), é o que faz o migrante ser aceito e a sua permanência está vinculada às condições de sua aceitação inicial. Provisória, precária e revogável a qualquer momento. Aceitam-se trabalhadores migrantes para o mercado de trabalho antes de tudo. Quando esse mercado desaparece, a razão de ser e permanecer do migrante também se vai. “Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece quando desaparece o trabalho que os cria a ambos” (SAYAD, 1998, p. 55).

A pesquisa de Magalhães (2017), em Santa Catarina, apontou que quando os empregos no setor de construção civil diminuíram no litoral do estado, os haitianos foram estimulados a se deslocarem para o interior a fim de trabalharem nos frigoríficos, o que realmente aconteceu. No Mato Grosso do Sul, a dinâmica do mercado de trabalho também se refletiu na mobilidade dos haitianos em diferentes municípios. Não é acaso que Ruth, Renan e milhares de outros haitianos estejam empregados em um setor que exige elevada força física em troca de baixa remuneração. Aos migrantes, especialmente aqueles oriundos de economias dependentes, como é o caso do Haiti, mais ainda aos negros, são destinadas as funções mais pesadas e extenuantes como o abate e corte de aves, carga e descarga de caminhões e os serviços de limpeza.

No Brasil, o trabalho nos frigoríficos tem sido objeto de estudo de um consolidado conjunto de pesquisas nas últimas décadas, especialmente em regiões onde a agroindústria de carnes se consolidou há mais tempo, como o oeste paranaense e catarinense. Essas pesquisas têm apontado a predominância de precárias relações de trabalho e adoecimento entre os trabalhadores, como consequência da intensa exploração do trabalho (HECK, 2013; BOSI, 2013; 2016; 2019; VARUSSA, 2016; SILVEIRA; MERLO, 2017). Na última década, esse setor passou a empregar intensamente a mão de obra haitiana, valendo-se de fatores como grande disponibilidade no mercado, baixa qualificação profissional, desconhecimento da língua portuguesa e dos direitos trabalhistas para destiná-la às funções de maior esforço físico e menor remuneração. Nesse caso, classe, raça e origem se interseccionam como condicionantes de maior vulnerabilidade de exploração do trabalho. Essa tendência também passou a ser observada no estado do Mato Grosso do Sul.

Na tabela 1 estão os números de empregos formais dos haitianos nos diferentes municípios do estado no período compreendido entre 2012 e 2019. Percebe-se que na maioria dos casos os números são muito pequenos, com contratações esporádicas e sem continuidade ao longo do tempo. Na tabela 2 estão elencadas as principais atividades desempenhadas por eles, sustentando o argumento do mercado de trabalho segmentado destinado aos migrantes.

**Tabela 1** - Número de empregos formais dos haitianos no Mato Grosso do Sul (2012-2019)

Ano Município	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Água Clara	-	-	-	-	-	1	4	1
Amambai	-	-	-	1	-	-	1	-
Angélica	-	-	1	-	-	1	2	3
Aparecida do Taboado	-	7	2	3	10	18	9	1
Bandeirantes	-	-	-	-	2	2	3	3
Bataguassu	-	-	-	-	1	7	12	18
Bonito	-	-	-	-	5	4	9	6
Caarapó	-	-	-	1	-	-	-	-
Camapuã	-	-	-	3	7	-	-	-
Campo Grande	-	55	68	92	70	75	158	187
Chapadão do Sul	-	-	-	-	-	-	-	1

Dourados	-	4	7	13	60	174	416	427
Iguatemi	-	-	-	-	-	-	1	1
Itaquiraí	-	25	100	137	88	71	58	58
Ivinhema	-	2	3	1	1	6	5	4
Naviraí	-	-	-	-	6	14	20	4
Nova Alvorada do Sul	-	13	13	11	14	13	12	19
Nova Andradina	-	-	-	26	25	39	32	56
Paranaíba	-	-	-	-	2	1	3	5
Ponta Porã	-	-	-	-	-	4	1	4
Ribas do Rio Pardo	-	-	-	-	-	1	-	-
Rio Brilhante	-	-	-	-	-	10	2	-
Rio Verde de Mato Grosso	-	-	-	1	-	-	2	-
Rochedo	-	-	-	-	-	-	-	39
São Gabriel do Oeste	-	-	-	-	1	1	5	6
Sidrolândia	-	-	-	-	1	-	-	1
Três Lagoas	8	157	204	235	158	169	269	299
Total	8	263	398	524	451	611	1.024	1.143

Fonte: RAIS, 2012 a 2019. Elaboração própria.

**Tabela 2 - Principais atividades desempenhadas pelos haitianos no mercado de trabalho formal do Mato Grosso do Sul (2012-2019)<sup>4</sup>**

Atividade \ Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Abate de aves e suínos	-	32	103	141	134	205	433	434
Construção	-	59	72	94	53	65	72	71
Comércio	-	5	8	34	35	57	65	109
Fabricação de embalagens plásticas	-	-	59	32	-	-	12	9
Fabricação de eletrodomésticos	-	148	87	63	28	20	29	23
Hotéis	-	-	2	5	8	28	42	29

<sup>4</sup> As atividades elencadas na tabela não seguem a exata divisão das seções da Relação Anual de Informações Sociais e estão aqui apresentadas com separações ou agrupamentos a fim de obter uma melhor comparação no número de vínculos das principais atividades desempenhadas pelos haitianos no Mato Grosso do Sul. Assim, por exemplo, no âmbito da construção estão incorporadas atividades como alvenaria, pintura e eletricidade e no âmbito do comércio atividades variadas como venda de frutas e verduras, trabalho em supermercados ou em lojas de móveis.



Transporte e armazenagem	-	-	12	17	36	44	37	34
Demais atividades	8	19	55	138	149	192	334	434

Fonte: RAIS, 2012 a 2019. Elaboração própria.

Até 2013, a fabricação de eletrodomésticos no município de Três Lagoas era a função mais desempenhada pelos haitianos no estado. A partir de 2014, com o aumento das contratações pelo frigorífico de Itaquiraí, o trabalho no abate de aves passou a ser predominante. Em 2016, um grande frigorífico de Dourados iniciou as contratações dos migrantes para o trabalho nas mesmas funções, fazendo dessa atividade a mais desempenhada pelos haitianos até então. Em 2018, depois do abate de aves, o abate de suínos, seguido das atividades na construção civil, eram as funções mais executadas por eles. Nesse ano, os vínculos nos frigoríficos de aves, suínos e bovinos representaram 44,2% do total dos haitianos empregados no Mato Grosso do Sul. Bem distante, em segundo lugar, estavam os vínculos da construção civil que representaram 7% e em terceiro as atividades do comércio com 6,3%.

Assim como ocorre em outros estados brasileiros, os postos de trabalho ocupados pelos haitianos no Mato Grosso do Sul também são os mais pesados e com menor remuneração. Por esse motivo, são frequentes as extensões das jornadas laborais com horas extras a fim de ampliar o baixo salário. Isso sem falar daqueles que se encontram fora do mercado de trabalho formal e são obrigados a se submeter às contratações temporárias, em períodos cada vez mais curtos.

No caso dos frigoríficos, que se consolidaram como os maiores contratantes do estado, além das características de trabalho pesado e repetitivo, as jornadas realizadas por turnos comprometem o desenvolvimento de outras atividades como o estudo e o lazer, já que os turnos não seguem o horário comercial convencional. Assim, por exemplo, podem começar na madrugada e terminar no início da tarde ou começar à tarde e terminar na madrugada. São postos de trabalho que muitos brasileiros dispensam e por isso a contratação dos haitianos em Itaquiraí e Dourados, e mais recentemente dos venezuelanos, visou suprir a carência de mão de obra para essas funções.

A carência de mão de obra no setor relaciona-se com o próprio caráter precário predominante nesse tipo de trabalho, o que implica em elevada rotatividade dos trabalhadores, e tem sido observada como uma tendência geral da agroindústria de carne. A rejeição ao trabalho nos frigoríficos deve-se sobretudo ao elevado grau de adoecimento nesses ambientes, a exemplo de doenças respiratórias associadas à exposição a agentes

poluentes e às mudanças bruscas de temperatura e principalmente de lesões provocadas por esforço repetitivo. Além disso, não são raros os casos de transtornos mentais como ansiedade e depressão associados às dificuldades de execução das tarefas laborais ou à invalidez (BOSI, 2013; VARUSSA, 2016; SILVEIRA; MERLO, 2017).

A exigência de destreza e rapidez no manuseio de facas, repetição acelerada dos movimentos, o manuseio de peso de forma inadequada e a permanência de longas jornadas na mesma postura corporal são também características da gestão de produção dos frigoríficos que aplica um minucioso controle do tempo e dos gestos dos trabalhadores. Como consequência, as doenças nos tecidos moles – como tendinite e bursite – e transtornos mentais são, respectivamente, quatro e três vezes maiores nos trabalhadores desse setor do que nos demais e o tempo médio para o surgimento de agravos à saúde é de 18 meses (VARUSSA, 2016). Tudo isso implica na resistência de muitos trabalhadores à tamanha degradação física e psicológica.

A recusa em trabalhar nesses frigoríficos aparece, inicialmente, justificada pelos trabalhadores pelos baixos salários e às difíceis e intoleráveis condições de trabalho, principalmente o ritmo das tarefas e as temperaturas frias em que os frangos são esquarterados. Mesmo quando há uma adaptação pouco traumática à rotina no frigorífico, o trabalho rapidamente se torna uma experiência dramática, repulsiva e humilhante (BOSI, 2013, p. 315).

Esse cenário impulsionou as empresas a recrutarem trabalhadores de outros municípios das regiões onde estão instaladas, de outros estados e até de outros países, como é o caso dos haitianos aqui evidenciado. Não é por acaso que a participação da mão de obra migrante internacional na agroindústria de carne do Brasil passou de 0,1%, em 2011, para 4%, em 2019, alcançando mais de 20 mil postos. Desses, cerca de 78% eram ocupados por haitianos (DEMÉTRIO, 2021). Nesse período, seguidamente, esses migrantes têm recebido os menores salários dentre todas as demais nacionalidades, 1.659,00 em 2019 e 1.696,00 em 2020 (SIMÕES; HALLAK NETO, 2021).

Entre os anos 2000 e 2011, o Brasil se consolidou como um dos maiores produtores de carne de frango do mundo, sendo o maior exportador do produto. Nesse período, o setor viu um crescimento de 118%, acompanhado do surgimento de muitas unidades produtivas, em destaque na região sul do país, responsável por 62% do abate de aves (HECK, 2013). No estado de Mato Grosso do Sul, onde novas unidades foram instaladas na última década, um elevado grau de concentração da atividade foi verificado na pesquisa de Lima (2017), que apontou que 75% da produção de carnes e frangos estavam concentradas nas empresas JBS

e Brasil Foods (BRF), fusão da Sadia com a Perdigão (figura 1). Em 2018, o estado ficou em oitavo lugar no *ranking* nacional, com a produção de 452 mil toneladas (EMBRAPA, 2018).

**Figura 1**- Frigorífico da BRF, Dourados-MS



Fonte: próprio autor, 2017.

Nos frigoríficos da JBS; nas unidades de corte de suínos em Dourados e de produção de couro em Nova Andradina; no frigorífico de abate de aves da BRF em Dourados; e no frigorífico Frango Bello em Itaquiraí, o trabalho dos haitianos esteve na base dos seus processos de ampliação da produção nos últimos anos, apresentando, também, um intenso processo de segmentação do mercado de trabalho. Por exemplo, em 2018, 89% dos haitianos com emprego formal no município de Dourados trabalhavam nos frigoríficos de aves e suínos. No município de Itaquiraí, a empresa Frango Bello foi responsável por 98% dos empregos formais dos haitianos. Independentemente do grau de instrução do migrante, esses têm sido os postos de trabalho destinados a eles, seguindo a tendência explicitada no contexto nacional.

A ampliação da contratação dos haitianos nos frigoríficos do Mato Grosso do Sul também veio acompanhada de denúncias de intensa exploração do trabalho e casos de adoecimento, como os relatados em 27 processos judiciais contra a empresa Frango Bello, localizada no município de Itaquiraí (figura 2). Queixas de execução de tarefas além das forças físicas dos empregados, irregularidade no pagamento de horas extras e adicional de insalubridade foram frequentes nas ações trabalhistas. Em Dourados, embora sem ações trabalhistas movidas, nossa pesquisa de campo identificou diversas reclamações de fortes dores musculares, inflamações nos tendões e enjoos.

**Figura 2 -** Frigorífico Frango Bello, Itaquiraí-MS



Fonte: próprio autor, 2017.

A pesquisa de Heck (2013), ao elencar ações civis públicas nos municípios de Chapecó (SC), Capinzal (SC), Videira (SC), Rio Verde (GO) e Toledo (PR) contra a empresa BRF - uma das contratantes de haitianos em Dourados para as atividades de abate e corte de aves - constatou o elevado o número de afastamento derivado de doenças osteomusculares, fazendo com que o adoecimento seja algo generalizado. Para o autor, os frigoríficos “são territórios da degradação do trabalho onde a experiência de se empregar nesse tipo de atividade pode trazer consequências irreversíveis para a saúde e vida dos trabalhadores (HECK, 2013, p. 18).

Dentre os casos expostos nas ações trabalhistas movidas contra a empresa Frango Bello, no município de Itaquiraí, alguns mostram as consequências na saúde dos trabalhadores derivadas das funções exercidas ou o descumprimento no pagamento de honorários:

A pressão sofrida pela eficiência no trabalho, além de outras situações degradantes como a limitação dos horários de uso do banheiro, que tornavam insustentável a relação de trabalho, sendo que as condições de trabalho contribuíram para o quadro de depressão da trabalhadora. Em virtude disso passou a sofrer de Transtorno afetivo bipolar (AÇÃO TRABALHISTA - RITO ORDINÁRIO RTOOrd 0024107-68.2017.5.24.0051. p. 5).

O autor, no exercício das suas atividades laborais, comumente era submetido a posições forçadas, gestos repetitivos, posturas inadequadas e levantamento de peso. Em decorrência disso desencadeou doença ocupacional sendo estas: Bursite no ombro (CID-10: M75.5), tendinite

bicipital (CID-10: M75.2), síndrome de colisão do ombro (CID-10: M75.4), outras lesões no ombro (CID-10: 75.8), outros transtornos dos tecidos moles (CID-10: M79), sinusite aguda (CID-10: J01), amigdalite aguda não especificada (CID-10: J03.9), cefaleia (CID-10: R51), necrose da polpa (CID-10: K04.1), conforme cópias de atestados e protocolo de entrega anexas (AÇÃO TRABALHISTA - RITO ORDINÁRIO RTOOrd 0024087-77.2017.5.24.005. p. 4).

Em momento algum, durante o período de vigência do contrato de trabalho, a reclamante recebeu o adicional de trabalho noturno, bem como, o cômputo das horas trabalhadas não eram realizadas conforme determinação do referido dispositivo legal, qual seja, 52 (cinquenta e dois) minutos e 30 (trinta) segundos (AÇÃO TRABALHISTA - RITO ORDINÁRIO RTOOrd 0024637-09.2016.5.24.005, p. 10).

Migrar para outro país e buscar a inserção laboral como estratégia de reprodução da vida do trabalhador, bem como de sua família que o acompanha em migração ou permanece no país de origem, é uma estratégia de milhões de haitianos ao redor do mundo. Contudo, do trabalho segmentado e precarizado é pouco provável que venha a ascensão social, motivo fundante da migração. Ao contrário, dele pode derivar adoecimento físico e mental e até, em alguns casos, a invalidez.

No Mato Grosso do Sul, os dados da RAIS demonstram que nos frigoríficos os haitianos são empregados geralmente para a função de auxiliar de produção e na construção civil para a função de ajudante geral. São esses os postos considerados mais baixos e com menor remuneração dentre esses setores, condições que não estão ausentes na contratação de brasileiros, vale ressaltar. Entretanto, a segmentação recai principalmente na designação das tarefas, descritas pelos próprios haitianos como as mais pesadas. Xenofobia e racismo parecem operar como elementos fundamentais dessa segmentação laboral<sup>5</sup>. Na ocasião de uma entrevista, um deles mostrou uma foto de caixas de frango empilhadas e relatou “brasileiro não pega isso, só haitiano”. Informações desse tipo, alinhadas à constatação dos baixos salários sugerem que a competitividade da agroindústria brasileira de carnes se assenta, também, na exploração de uma força de trabalho barata e abundante, como é o caso dos haitianos.

O relato de Francis, exposto a seguir, corrobora com as denúncias apresentadas e expõe insegurança no desempenho das atividades desempenhadas por migrantes e brasileiros no interior dos frigoríficos. Se são esses os postos de trabalho mais abundantes para os

---

<sup>5</sup> Em episódio recente, em um frigorífico da BRF em Chapecó, Santa Catarina, um haitiano foi imobilizado por três seguranças, enquanto outro conterrâneo denunciava a violência em vídeo. De acordo com Bispo e Alves (2021), naquele estado, um terço das denúncias de discriminação no trabalho são contra haitianos e africanos.

migrantes internacionais que vivem no Brasil, é justamente porque deles os brasileiros buscam fugir.

### **Fora dos frigoríficos**

Com a intermediação de uma estudante, entramos em contato com Francis, natural de Cabo Haitiano, 34 anos, evangélico, residente no Brasil desde abril de 2015. Com muita desconfiança, ele aceitou nos receber em casa depois que se certificou de que as nossas intenções de pesquisa eram verdadeiras. Viveu 11 anos na cidade de Puerto Plata, República Dominicana, onde trabalhava como pedreiro. Quando decidiu partir para o Brasil, ignorou a opinião do seu patrão que insistiu que ficasse, e acreditou na opinião de amigos que migraram meses antes e afirmaram que havia muito emprego no Brasil.

Residente em um bairro periférico de Dourados há menos de três meses, divide a casa com outros dois haitianos que também haviam residido em outras cidades brasileiras antes. Órfão de pai e mãe, Francis é o único dos sete filhos que vive fora do Haiti. Solteiro, sem filhos e sempre evangélico, exerce um pouco a função de líder dos haitianos em uma igreja da cidade.

Saiu de avião de Santo Domingo em direção a Quito, com conexão em Bogotá. De Quito, fez o mesmo caminho que milhares de haitianos, atravessando o Peru de ônibus até chegar a Assis Brasil, no Acre. Depois de alguns dias, viajou de ônibus para São Paulo onde buscou reencontrar um amigo que estaria lhe esperando.

*Do Acre para São Paulo é muito longe. Iria demorar menos tempo, mas fui parar em São Paulo e não sabia onde ficava a cidade do meu amigo. Quando cheguei lá, procurei informação de como chegar em Itaquirá e me informaram que não existia essa cidade e sim Itaquera. Peguei um metrô para Itaquera, cheguei e liguei para o meu amigo. Ai ele me disse que eu não havia chegado e que demoraria mais um dia para chegar. Então eu saí de São Paulo às 7 horas da noite e cheguei em Itaquirá às 10 horas da manhã.*

*Cheguei lá, fui pra um hotel e depois fui procurar a empresa Frango Bello que precisava de pessoas para trabalhar. Fiz os exames e logo fui empregado. Depois do meu grupo, creio que contrataram mais uns dois grupos de haitianos e depois não contrataram mais por causa de maus tratos e os haitianos não gostavam... Eu explico a situação que é difícil. Por exemplo, Frango Bello tem todo tipo de trabalho, de construção, tem de tudo. Quando entrei, eu apresentei que eu era mestre de obras, mas o coordenador me deu as coisas que eu não tinha nada de experiência, mas pela inteligência que Deus me deu... primeira pessoa que passou por uma experiência lá fui eu e outro colega que já trabalhou com frango. Depois de 15 dias, fomos para 1 mês [até ser efetivado]. Trabalhamos perfeitamente, sem problemas.*

*Algumas pessoas saíram machucadas de Frango Bello com juntas inchadas, uma veia que se levanta aqui [aponta o pulso], inchaço aqui e aqui [aponta os dedos e os ombros]. Tem pessoas que estão machucadas até agora. Tem pessoas que têm somente 10 meses, um ano, e estão machucadas. Mas desde o momento que entrei na Frango Bello eu escutei isso e falava com Deus “Não me deixa machucar” e Deus me protegeu e não me passou nada.*

Insatisfeito com o trabalho executado, pediu demissão e mudou-se para Dourados.

*Cheguei em Dourados em dezembro de 2017 e no mesmo dia já estava trabalhando assentando piso. Depois de três dias acabou o serviço, tive que esperar e fui trabalhar com outro amigo. Quando terminou a obra, em dezembro, aí ficou difícil. Este ano está difícil. Eu poderia entrar na BRF, mas eu não gosto pela experiência que tive na Frango Bello. Eu tenho oportunidade de entrar porque eles precisam de gente que fala, que é inteligente e para mim não há outro mais inteligente que eu, mas eu penso que não. A experiência na Frango Bello foi ruim.*

*Agora eu posso ir para qualquer outro lugar, mas com ajuda de um trabalho. Porque eu preciso de trabalho. Se você precisar de um tradutor com os haitianos eu posso ajudar, nos diz com risos.*

*Quando estava na República Dominicana eu era patrão de mim mesmo porque tinha pessoas trabalhando comigo, era diferente. Ainda que eu não tivesse carro eu andava com moto. Mas aqui dá bom resultado se está trabalhando, dá resultado melhor que Haiti e República Dominicana em certo sentido, mas se está perdendo tempo, não está trabalhando...não. Muitos haitianos já saíram do Brasil para Estados Unidos, Canadá, Guiana Francesa.*

Questionado sobre a sua impressão da cidade de Dourados, responde: *Para mim Dourados é mais ou menos porque aqui é grande e tem bastante trabalho, agora o que eu vejo é que aqui não era racista e agora sim. Aqui especialmente tem trabalho em toda parte, mas não querem contratar haitianos. Certamente todos os países do mundo sabem que não tem outra nacionalidade que trabalha mais que os haitianos. Por isso que aqui abriu para contratar haitianos porque vê que nós trabalhamos em toda parte do mundo e onde trabalhamos damos rendimento. Mas não sei por causa de crise, não sei. Certamente por trabalho não, porque temos muita resistência para trabalhar e quando toma um trabalho por contrato não importa a hora de entrar e de sair. Se tem trabalho aqui eu trabalho sem problema, mas se não tem eu tenho que procurar.*

Dourados, 17 de fevereiro de 2018.

Além das ações trabalhistas contra o frigorífico Frango Bello em Itaquiraí e das reclamações sobre as lesões e adoecimentos feitas pelos haitianos em Dourados, o Ministério Público do Trabalho (MPT) do Mato Grosso do Sul recebeu, no ano de 2014, denúncias de

incumprimento de direitos trabalhistas por construtoras em Campo Grande, tanto no não pagamento de verbas rescisórias quanto no atraso de salários. Segundo informações de Pereira, Silva e Amaral (2017), houve violação de direitos trabalhistas na execução de conhecidas obras da capital sul-mato-grossense.

No município de São Gabriel do Oeste, em setembro de 2014, dez haitianos procuraram o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias da Construção Pesada e Afins (SINTICOP/MS) para relatar as precárias condições de trabalho e as situações degradantes em que se encontravam alojados. Após terem sido contratados verbalmente para executarem obras de pavimentação da BR 163 entre os municípios de Bandeirantes e São Gabriel do Oeste, sob responsabilidade da empresa FBS Construção Civil e Pavimentação LTDA, relataram uma série de violações expostas em processo judicial junto ao Ministério Público do Trabalho da 24ª região, em Campo Grande - MS.

O alojamento é em Bandeirantes, em dois cômodos de aproximadamente 4m<sup>2</sup> cada, onde 10 pessoas dividem 5 colchões, sendo 3 de solteiro e 2 de casal; Há apenas 2(dois) banheiros, sem possibilitar o suporte necessário pela quantidade de pessoas usando, sem local adequado para os trabalhadores lavarem as mãos e escovar os dentes; A água é servida em um bebedouro de metal, não tem copo, e segundo a empresa, essa água vem de um poço das proximidades, porém não há laudo comprovando que é potável, visto tratar-se de região com lavoura e pode estar contaminada com agrotóxicos; Existe ameaças, por parte de encarregados de equipe, pressionando para os trabalhadores não falarem a verdade sobre o que realmente acontece, inclusive com ameaças de demissão. Todavia, as más condições são visíveis; A empresa não possui controle efetivo da jornada de trabalho, que, apesar de possuir um ponto digital, os apontadores fazem o controle em folhas avulsas. Não tem sinalização de segurança. Não tem proteção contra incêndio. Não tem ordem e nem limpeza (AÇÃO TRABALHISTA 0024501-87.2014.5.24.0081).

Outros processos como esse foram iniciados no MPT e expuseram as precárias condições e superexploração do trabalho dos migrantes quando ficaram expostos casos de retenção da Carteira de Trabalho por vários dias antes da formalização dos vínculos empregatícios, ampliação das jornadas de trabalho sem pagamento de horas extras, redução dos intervalos de descanso, supressão da folga semanal, demissão sem pagamento das verbas rescisórias, dentre outros que demonstraram as violações trabalhistas sofridas pelos migrantes que, somadas ao desconforto e dificuldades presentes em contextos de migração de crise, podem provocar danos materiais e psicológicos.



Baseado nos dados da RAIS entre os anos de 2012 e 2019 para o estado do Mato Grosso do Sul, foi possível verificar um aumento nas contratações dos haitianos em vários municípios e, em alguns casos, como em Campo Grande e Três Lagoas, a diversificação das atividades desempenhadas por eles, ainda que em funções de qualificação e remuneração baixas. Já em Dourados e Itaquiraí notou-se uma elevada especialização do trabalho com a ampla maioria dos postos ocupados nos frigoríficos, em destaque para os de aves e suínos. Também se constatou a ampliação do número de municípios que, em algum momento, contratou trabalhadores haitianos. Mesmo que os números sejam pequenos, é possível apontar a movimentação laboral desses migrantes para além dos municípios de médio porte, chegando também aos menores como Nova Andradina, Naviraí, Aparecida do Taboado e Bataguassu.

Apesar do aumento no número de contratações de haitianos durante o ano de 2018, 40,3% a mais que 2017, o desemprego é uma constante na vida de muitos e atinge principalmente as mulheres. Enquanto as mulheres representam mais de 40% dos haitianos residentes no Mato Grosso do Sul, elas responderam apenas por 23,7% das contratações formais em 2018, e 26,5% em 2019, como pode ser observado na tabela 3. A desigualdade de gênero é um grave problema enfrentado pelas mulheres no Haiti e, em muitos contextos, a migração é uma alternativa que visa suprir as dificuldades que têm no acesso à educação e ao trabalho.

**Tabela 3 - Haitianos com emprego formal no Mato Grosso do Sul, dividido por sexo (2012-2019)**

Município \ Sexo	2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018		2019	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Água Clara	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	0	1	0
Amambai	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Angélica	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2	0	3	0
Aparecida do Taboado	0	0	5	2	2	0	2	1	6	4	6	12	3	6	1	0
Bandeirantes	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	2	1	2	1
Bataguassu	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5	2	11	1	16	2
Bonito	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	2	2	6	3	4	2
Caarapó	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Camapuã	0	0	0	0	0	0	3	0	6	1	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	55	0	65	3	84	8	62	8	50	25	117	41	138	49
Chapadão do Sul	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Dourados	0	0	4	0	7	0	11	02	48	12	123	51	289	127	280	147
Iguatemi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
Itaquiraí	0	0	20	5	83	17	109	28	68	20	56	15	44	14	42	16
Ivinhema	0	0	2	0	3	0	1	0	1	0	6	0	5	0	4	0
Naviraí	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	14	0	17	3	3	1
Nova Alvorada do Sul	0	0	12	1	12	1	11	0	13	1	11	2	10	2	16	3
Nova Andradina	0	0	0	0	0	0	26	0	25	01	34	5	27	5	48	8
Paranaíba	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	3	0	5	0
Ponta Porã	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	1	0	4	0
Ribas do Rio Pardo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Rio Brillhante	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0	2	0	0	0

Rio Verde de Mato Grosso	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0
Rochedo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23	16
São Gabriel do Oeste	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	4	1	5	1
Sidrolândia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0
Três Lagoas	8	0	157	0	184	20	180	55	123	35	134	35	231	38	242	57
Total	8	0	255	8	357	41	428	96	366	85	461	150	781	243	840	303

H: Homens M: Mulheres – Fonte: RAIS, 2012 a 2019. Elaboração própria.

Segundo Dantil (2016), a mulher haitiana é considerada pedra angular no âmbito familiar e para muitos homens, sobretudo no campo, onde ela é destinada aos trabalhos domésticos e à procriação, sendo excluída dos assuntos públicos. Apesar de mais de 50% da população do país ser feminina e de muitas famílias serem providas economicamente pelo trabalho das mulheres, a participação política delas é bastante limitada. Para o autor, além das piadas sexistas, das limitações à educação formal, da gravidez precoce, da sobrecarga de trabalho doméstico, das dificuldades econômicas e de participação política, há que se acrescentar a forte influência dos processos educativos com forte impacto da educação religiosa que estabelece claros papéis de gênero e discriminação sexista, especialmente depois do auge do protestantismo no país.

A concepção haitiana da política a converte em inapropriada para as mulheres; a política é uma função masculina no imaginário sociocultural que, também, põe em risco a vida das pessoas, mas além das responsabilidades que implica. A política no Haiti é considerada suja, e assim inapta para ser exercida por uma mulher se esta não quer se parecer com os homens (DANTIL, 2016, p. 3. Tradução nossa<sup>6</sup>).

No contexto educacional, a desigualdade de gênero também é acentuada. De acordo com Nascimento (2013), há uma sub-representação e elevada especialização involuntária das mulheres nas carreiras acadêmicas no Haiti. Com exceção da enfermagem, a participação das estudantes nos cursos superiores e técnicos tem se mantido bastante baixa ao longo dos anos, apesar de um desempenho escolar equiparável ao dos seus colegas. “Um problema como esse denuncia a persistência de fatores econômicos e de segurança envolvidos na decisão das mulheres de deixar o sistema escolar antecipadamente ou de optar em meio a um espectro muito estreito de carreiras” (NASCIMENTO, 2013, p. 22).

Diante disso, para muitas mulheres, sair do país e conquistar autonomia financeira é um importante passo para a superação das desigualdades de gênero, apesar de não ser o único. Entretanto, nem sempre as alternativas se concretizam, tendo em vista a menor inserção no mercado de trabalho

---

<sup>6</sup> “La concepción haitiana de la política la vuelve inapropiada para las mujeres; la política es una función masculina en el imaginario sociocultural que, además, pone en riesgo la vida de las personas, más allá de las responsabilidades que implica. La política en Haití es considerada sucia, desde luego inapta para ser ejercida por una mujer si ésta no quiere parecerse a los hombres” (DANTIL, 2016, p. 3).

formal também nos destinos, como demonstrado nos dados apresentados para o caso do Mato Grosso do Sul. Isso significa que, vivenciam situações de exclusão semelhantes àquelas que desejavam superar no país de origem.

Em pesquisa com mulheres haitianas inseridas nos frigoríficos da região Sul do Brasil, Mamed (2017) argumenta que por serem mulheres, negras e migrantes, elas se tornam vulneráveis às mais precárias ocupações, em um mercado desigual e segregado. Ao acompanhar a trajetória das migrantes na agroindústria de carne, um dos setores de maior expansão no país, a autora explicita casos de desgaste físico e emocional, adoecimentos, mutilações e sofrimento, comprovando que às migrantes negras são reservados os piores postos, isso quando não amargam meses ou anos de desemprego. Conservando as características de sua formação social, o Brasil apresenta um mercado de trabalho sexual e racialmente hierarquizado, dispensando à grande parte da população, especialmente negros e mulheres, os estratos mais baixos de sua estrutura.

Portanto, vale a pena considerar que homens e mulheres migrantes, inclusive os haitianos no Mato Grosso do Sul, estão na base de atividades produtivas, em destaque para as indústrias de transformação e na agroindústria de carne em vários municípios do estado. Entretanto, desempenham as funções mais pesadas e menos remuneradas da hierarquia social. Além disso, nossas pesquisas de campo identificaram muitos desempregados, principalmente mulheres, corroborando com o argumento da existência de um mercado sexual e racialmente desigual.

É importante destacar ainda que parte dos haitianos residentes no Mato Grosso do Sul se transformou em mão de obra volante, disponível às contratações temporárias, inclusive mudando de município ou de estado. Porém, diferente dos processos iniciais de recrutamento de mão de obra vigente nos anos de 2012 a 2014, as novas chegadas e a mobilidade interna estão assentadas no desenvolvimento das redes migratórias, sustentadas pelos laços familiares e de conterraneidade, como se observa no caso de James.

#### **“A vida manda paciência”**

Havíamos encontrado com James 9 meses antes, em uma entrevista juntamente com outros dois companheiros de casa. Naquela época, ele falava pouco o português e, naturalmente, se mostrava desconfiado com aproximações de desconhecidos. Agora, residente há quase dois anos no Brasil (1 ano e 9 meses), fala e escreve melhor o português. Trabalha em uma empresa de limpeza

na cidade de Dourados há mais de um ano e diz que é preciso ter paciência para as coisas melhorarem. “A vida manda paciência”, afirma.

James tem 34 anos, é formado em “Ciências Jurídicas” e atuou como professor de matemática. É natural de Cabo Haitiano, norte do país. Quando decidiu migrar para o Brasil, havia acabado de concluir o curso, por isso não trabalhou na área jurídica. Seu irmão buscou informações junto a uma amiga que vivia com sua família na cidade de Três Lagoas – MS. Através dessa amiga de seu irmão, James obteve informações sobre como efetivar seu projeto migratório, além de contar com seu apoio quando da sua chegada.

Ele não lembra exatamente quantos dias demorou até chegar ao Brasil, mas reconstitui sua trajetória: *Entreguei um dinheiro nas mãos de um agente da minha cidade, que traz haitianos para o Brasil, mas ele mente porque disse que quando chegasse ao Equador já estaria perto do Brasil. Ele comprou as passagens até Quito e de lá para a fronteira com o Peru. Saí do Haiti em setembro de 2015 e de lá fui para a República Dominicana, de ônibus. Depois pegamos um voo para Bogotá e outro para Quito. Quando chegamos em Quito (havia outro haitiano com James), alguém nos esperava e nos levaram para dormir numa pensão, depois seguimos de ônibus para a fronteira com o Peru, aí as coisas pioraram. Antes de sair do Equador, fomos abordados por uma mulher que nos cobrou 20 dólares para dar janta, dormida e café no dia seguinte, além de dizer que facilitava com os policiais. 20 minutos depois que pagamos, nos deram um prato com um pouco de arroz e ovo frito, só um pouco. Uma hora depois, nos mandaram para um ônibus e nos deixaram na fronteira com o Peru. Eles tinham prometido dormida, mas enganaram. Quando descemos do ônibus os policiais gritavam “sai, sai” e pediam dinheiro. No Peru foi muito ruim..., em vários pontos nos pedem dinheiro e ameaçam prender. Quando entramos no Brasil, passamos pela Polícia Federal e depois fomos para o “refúgio” (o abrigo na cidade de Brasiléia, Acre). Fiquei 4 dias lá porque decidi não esperar o ônibus que buscava o pessoal. (refere-se aos ônibus contratados pelo governo do Acre para transportar haitianos para o Centro-Sul do país). Comprei a passagem para Campo Grande e depois para Três Lagoas. Fiquei quase 5 dias na estrada. Quando cheguei, fui morar com essa amiga do meu irmão, seu esposo e um filho deles. Fiquei 3 meses em Três Lagoas, até que conheci Richard, outro haitiano que estava vindo pra cá. Ele pegou meu contato e depois de uns dias ele me disse que tinha emprego aqui em Dourados, então eu vim. Consegui emprego em uma empresa de limpeza e jardinagem, não é o melhor emprego, mas é preciso mais tempo pra mudar. Morei uns meses no Jardim Flórida com os amigos e depois vim pra cá, divido casa com José, outro haitiano que trabalha na BRF (José morou 7 meses em Curitiba e há 6 vivia em Dourados).*

Quando questionado sobre os planos no Brasil, ele responde:

*Estou bem aqui. Quero melhorar... quando vejo o motorista lá da empresa, trabalha menos e ganha mais, penso em melhorar assim. Mas quero ficar aqui. Brasileiro é amable (faz gesto de abraço indicando acolhimento). Quero trazer alguém da minha família, eu sinto falta. Não tem ninguém aqui. Tenho parentes nos Estados Unidos e Bahamas, mas nunca fui lá.*

Dourados, 11 de junho de 2017.

Mais uma vez, as informações foram fundamentais no planejamento e efetivação da migração. Ainda que James não tivesse inicialmente contatos e relações sociais fortes o suficiente para lhe amparar no destino, buscou a mediação do irmão para isso. No primeiro momento, a rede de relações sociais entre uma migrante (a amiga) e um não migrante (o irmão) foi utilizada para a migração dele. Talvez James pudesse migrar sem esse apoio inicial, como fez outros haitianos nos anos iniciais do fluxo. Todavia, seus contatos o direcionaram à cidade de Três lagoas e lhe proporcionaram o apoio inicial tão valioso nesses contextos.

No primeiro momento, James acionou uma rede de relações sociais já estabelecida e se inseriu nela quando migrou de Cabo Haitiano para Três Lagoas. No segundo, intercambiou contatos e reconfigurou a sua rede pessoal a fim de migrar para Dourados. Isso significa que as redes se mantêm em construção, inclusive redes antigas se redefinem conforme as circunstâncias. As dinâmicas atuais da mobilidade haitiana no Mato Grosso do Sul utilizam de redes sociais estabelecidas previamente, com forte atuação dos laços familiares, mas também criam novas e reconfiguram as anteriores. Junto a elas, a dinâmica do mercado de trabalho influencia na atração e na dispersão dos migrantes tanto nacional, como internacionalmente.

Muito utilizadas em escala local nos processos de adaptação, as redes alternativas da migração haitiana têm mostrado intensa articulação na escala internacional, informando oportunidades e os meios de acesso a elas. Os diversos fluxos dessa migração transformaram o Haiti em uma sociedade transnacional. Desse modo, a circulação de informações, recursos e pessoas conectou os diferentes polos dessa mobilidade através das redes sociais entre migrantes e não migrantes. Entretanto, o que esta pesquisa demonstra para o caso do Mato Grosso do Sul, enquanto os contatos foram fundamentais na atração de novos migrantes, as oportunidades de trabalhos têm se apresentado segmentadas em postos de baixa remuneração e intensa atividade física, como os frigoríficos, evidenciando a precarização do trabalho migrante.

## CONCLUSÃO

A pesquisa nos registros da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério da Economia identificou um mercado de trabalho segmentado para os migrantes haitianos. Embora nos municípios de Campo Grande e Três Lagoas exista uma pequena diversificação das atividades desempenhadas, em Dourados e Itaquiraí estão quase todos empregados nos frigoríficos. Na maioria dos casos, trabalhos que demandam intensa atividade física às custas de baixos salários.

As entrevistas e a pesquisa de processos trabalhistas junto ao Tribunal Regional do Trabalho apontaram precárias condições de trabalho e, em alguns casos, superexploração dos migrantes. Alojamentos em condições degradantes, execução de horas extras sem remuneração adequada, demissão sem pagamento de verbas rescisórias, trabalho sem registro em Carteira e outras. Relatos de lesões osteomusculares, dores de cabeça, fadiga e enjoos são frequentes entre os trabalhadores dos frigoríficos, o que evidencia serem esses locais espaços onde o trabalho adocece e às vezes incapacita. De onde se tira parcamente o pão, tira-se também a saúde.

No contexto de desaceleração da economia brasileira, entre os anos de 2015 e 2016, foram afetados setores que mantinham grande empregabilidade dos haitianos como a construção civil. Em consequência, milhares de postos de trabalho foram eliminados e reduziram as possibilidades de permanência no país. Em acréscimo, muitos empregados, descontentes com as condições de trabalho e com as remunerações, vislumbraram melhores alternativas no Chile e nos Estados Unidos. Muitos foram aqueles que abandonaram o Brasil, mas nem sempre tiveram suas expectativas realizadas.

Em um contexto de expansão produtiva dos frigoríficos brasileiros, demandantes de intensa e resistente mão de obra, milhares de trabalhadores migrantes foram recrutados para o trabalho no abate e corte de aves e suínos, principalmente. Esta pesquisa centrou-se no mercado de trabalho ocupado pelos haitianos residentes no estado do Mato Grosso do Sul e pôde constatar a existência de um padrão de contratação segmentado, reservando aos migrantes os postos mais pesados e os mais baixos salários; a ocorrência de situações degradantes e violadoras de direitos, como expostas nos processos trabalhistas; o maior desemprego entre as mulheres e a alta rotatividade nos postos de trabalho, como indicaram as entrevistas.

## REFERÊNCIAS

BISPO, Fábio; ALVES, Schirlei. Racismo e xenofobia na indústria de carne. **O joio e o trigo**, 2021. Disponível em: <Racismo e xenofobia na indústria da carne (ojoioeotrigo.com.br)>. Acesso em: 05 ago. 2022.



BOSI, Antônio de Pádua. A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990-2010): a cultura da classe. **Diálogos** (Maringá), v. 17, n. 1, p. 309-335, 2013.

BOSI, Antônio de Pádua. Acumulação de capital e trabalho na agroindústria no Oeste do Paraná de 1960 a 2010. **História Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 94-106, 2016.

BOSI, Antônio de Pádua. Trabalho e Imigração: Os haitianos empregados nos frigoríficos do Oeste do Paraná. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 2, p. 228-251, 2019.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Aletranje: a pertinência da família na ampliação do espaço social transnacional haitiano – o Brasil como uma nova baz**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UNIR, 2019.

DANTIL, Louis. **Desigualdad y participación política de las mujeres en Haití: entre luchas, obstáculos y logros**. Buenos Aires: CLACSO, 2016.

DEMÉTRIO, Natália Belmonte. Migração internacional nos frigoríficos do Brasil: notas para uma agenda de pesquisa. *In*: Encontro Nacional sobre Migração, Trabalho e Gênero, 2020, Natal. **Anais [...]**. p. 1-31.

EL PAÍS. **El país de los maestros que no saben enseñar**. 2018. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2018/02/12/planeta\\_futuro/1518475813\\_984443.html](https://elpais.com/elpais/2018/02/12/planeta_futuro/1518475813_984443.html)>. Acesso em: 04 ago. 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. **Estatísticas | Brasil | Frangos de corte**. 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas/frangos/brasil>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

HECK, Fernando Mendonça. Uma Geografia da degradação do trabalho. **Revista Percurso – NEMO**. V. 5. N. 1. 2013. p. 3-31.

JESUS, Alex Dias de. **Redes da migração haitiana no Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

LIMA, Fábio de. **Internacionalização e reestruturação produtiva no setor avícola de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: UFGD, 2017.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil socioeconômico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependências de remessas no Haiti**. Tese (Doutorado em Demografia). UNICAMP. Campinas, 2017.

MAMED, Letícia Helena. Trabalho, migração e gênero: a trajetória da mulher haitiana na indústria de carne brasileira. **Temáticas**, 25, 49/50, 139-176, 2017.

NASCIMENTO, Sebastião. **Da crise às ruínas**. Impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti. Curitiba: Huya, 2013.

PEREIRA, Cícero; SILVA, Wanessa Hipólito Lemos; AMARAL, Ana Paula Martins. Imigrantes Haitianos: desafios à efetivação dos direitos fundamentais sociais. **Análise de casos. Revista do Ministério Público do Trabalho do Mato Grosso do Sul**, n. 10, p. 79-102, 2017.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. **Anuário Estatístico da RAIS – 2012-2019**. Ministério da Economia. Disponível em: <Dardo 10.1.02 - Base de Gestão do MTE::CAGED>. Acesso em 15 jul. 2021.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEGUY, Frank. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese (Doutorado em Sociologia), UNICAMP. Campinas, 2014.

SILVEIRA, Andréa Luiza da; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Superexploração e o processo de adoecimento pelo trabalho na indústria frigorífica de Chapecó/SC. **Revista Grifos**, n. 43, p. 254-286, 2017.

SIMÕES, André; HALLAK NETO, João. A inserção do imigrante no mercado formal de trabalho brasileiro entre 2011 e 2020. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (Org.). **Relatório Anual 2021 OBmigra – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Brasília, DF: OBMigra, 2021, p. 118-154.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO da 24ª Região. **Ação Trabalhista - Rito Sumaríssimo ATSum 0024501-87.2014.5.24.0081**. 2014.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO da 24ª Região. **Ação Trabalhista - Rito Ordinário 0024637-09.2016.5.24.005**. 2016.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO da 24ª Região. **Ação Trabalhista - Rito Ordinário 0024107-68.2017.5.24.0051**. 2017.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO da 24ª Região. **Ação Trabalhista - Rito Ordinário 0024087-77.2017.5.24.005**. 2017.

VARUSSA, Rinaldo José. Frigoríficos: abatendo animais, adoecendo trabalhadores. In: VARUSSA, Rinaldo José (Org.). **“Eu trabalhava com dor”**: trabalho e adoecimento nos frigoríficos. Jundiá: Paco Editorial, 2016, p. 33-48.

Submetido em março de 2022

Aceito em julho de 2022